



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO MATEMÁTICA-LICENCIATURA

FERNANDA MARIA DA SILVA

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA CONTRADIÇÕES NO PERCURSO
DA EDUCAÇÃO BÁSICA: EXCLUSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA E
OCULTAÇÃO DA (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Caruaru

2021

FERNANDA MARIA DA SILVA

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA CONTRADIÇÕES NO PERCURSO
DA EDUCAÇÃO BÁSICA: EXCLUSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA E
OCULTAÇÃO DA (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Matemática-
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Licenciada/o em
Matemática.

Área de concentração: Ensino (Matemática)

Orientador: Profº. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de
Miranda

Caruaru

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Fernanda Maria da.

PEDAGOGIA EMPREENDEDORA CONTRADIÇÕES NO PERCURSO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA: EXCLUSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA E
OCULTAÇÃO DA (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS /
Fernanda Maria da Silva - 2021.

38f.;30 cm.

Orientador(a): Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Matemática
- Licenciatura, 2021.

Inclui referências, apêndices.

1. Empreendedorismo. 2. Educação. 3. Reforma do Ensino Médio. 4.
Políticas de Currículo. I. Miranda, Marcelo Henrique Gonçalves de II. Título.

370 CDD (22.ed.)

FERNANDA MARIA DA SILVA

**PEDAGOGIA EMPREENDEDORA CONTRADIÇÕES NO PERCURSO
DA EDUCAÇÃO BÁSICA: EXCLUSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA E
OCULTAÇÃO DA (RE)PRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Matemática-
Licenciatura da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
a obtenção do grau de Licenciada/o em
Matemática.

Aprovada em: 14 / 12 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª.Drª.Jaqueline Aparecida FlorattoLixandrão dos Santos
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. GirleideTôrres Lemos (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido a oportunidade de ingressar na Universidade Federal de Pernambuco, ainda mais no curso que sempre foi um sonho, além disso, agradeço pela força dada durante todo o percurso dessa jornada que se estendeu durante cinco anos, a paciência e a perseverança para alcançar o objetivo.

A meus exemplos de vida, meus pais, Rosineide Maria e Fernando Roberto, que se fizeram presentes ao longo dos anos, vendo de perto o caminho que estava a percorrer, e que com todas as dificuldades, noites mal dormidas, me esperavam chegar e nunca deixaram de me incentivar, a esses dois, dedico não só meu diploma, como também a minha vida. A meu irmão, Fernando Júnior, que sempre esteve acompanhando de perto as aflições e os medos que por muitas vezes aparecem na vida do universitário, mas que sempre esteve ali para dizer “vai dar certo, tem calma”. Agradecer a toda minha tia, Rosilene Maria, que é uma mãe para mim e que sempre torceu e torce por meu sucesso.

Aos melhores presentes que a UFPE poderia ter me dado, Débora Caroline, Jaíne Macêdo, Thaís Emanuella, como não falar dessas pessoas essenciais em minha formação? Jaíne que esteve comigo desde o primeiro dia de aula, quando a aflição era não saber andar pelo labirinto que estava prestes a chamar de casa. Débora, que se parece tanta comigo, nos estresses, agonias e perfeccionismo. Thaís, a mais calma de todas e a mais paciente do grupo, o nosso abrigo também. Nosso quarteto será para sempre o melhor presente e serão também as melhores memórias que guardarei da nossa casa – UFPE. A Ana Cláudia, minha companheira de transporte universitário, minha conterrânea, agradeço por sua amizade, por seus conselhos e incentivo para conclusão desse trabalho e esperando ansiosamente sua brilhante defesa. A todo vínculo de amizade que fizeram parte de minha formação.

Gostaria de agradecer a todos os docentes que fizeram parte de minha formação, desde o ensino básico, até o término desse curso. Agradecer também aos colegas de trabalho que me ouviram falar nesse trabalho durante um ano e que

sempre me incentivaram a concluir. A meu namorado, Elton Douglas, que me deu forças e esteve presente, ajudando sempre que pôde.

Por fim e não menos importante, agradecer ao melhor orientador que eu poderia ter escolhido, Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda, paciente, incentivador, profissional ímpar, brilhante, espelho, exemplo de profissional e ser humano. Tenho certeza que foi realmente um desafio me orientar, mas, mesmo assim nunca abriu mão das orientações e do nosso tema. Suas aulas encantadoras me encantaram desde o primeiro momento, não sabia qual tema trabalhar no Trabalho de Conclusão de Curso, mas sem dúvidas alguma, já sabia quem seria meu orientador. Eternamente grata a cada um de vocês que viram de perto esse sonho se tornar realidade, que torceram por mim e que me desejaram sorte.

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar as concepções construídas por alguns licenciandos em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Acadêmico do Agreste, sobre a disciplina Empreendedorismo, Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de Vida como agente modificador do currículo do Ensino Médio para que possamos entender as mudanças realizadas no currículo com a reforma do Ensino Médio e a introdução de tal disciplina. Desta maneira, de acordo com Coan, Souza e outros podemos compreender os pontos positivos e negativos da disciplina para o ensino médio a partir de ideais prós e contra e investigar o papel das políticas de currículo na reforma do ensino médio. Com isso, foram pesquisados e analisados, quatro licenciandos através de entrevista semiestruturada, de forma virtual em uma reunião do Google Meet, devido o atual cenário pandêmico pelo qual estamos passando, a entrevista foi gravada após o consentimento dos entrevistados. Tais entrevistados foram escolhidos após o critério de serem obrigatoriamente egressos da disciplina Empreendedorismo ou Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de Vida em seu ensino médio.

Palavras-chave: Empreendedorismo, educação, reforma do ensino médio, políticas de currículo.

ABSTRACT

This article aims to analyze the conceptions constructed by some graduates in Mathematics of the Federal University of Pernambuco - Academic Campus of Agreste, on the discipline Entrepreneurship and/or Entrepreneurship Project as a modifying agent of the high school curriculum so that we can understand the changes made in the curriculum with the reform of high school and the introduction of such discipline. In this way, according to Coan, Souza and others can understand the positive and negative points of the discipline for high school from pros and contra ideals and investigate the role of curriculum policies in high school reform. With this, six graduates were researched and analyzed through semi-structured interviews, virtually in a Google Meet meeting, due to the current pandemic scenario we are going through, the interview was recorded after the interviewees' consent. These interviewees were chosen after the criterion of being compulsorily graduates of the discipline Entrepreneurship or Entrepreneurship Project in their high school.

Entrepreneurship. Education. High school reform. Curriculum Policies.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	9
2	CURRÍCULO: INFLUÊNCIA E LEGITIMIDADE NA ATIVIDADE EDUCACIONAL	14
3	O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO MÉDIO	18
4	METODOLOGIA	23
5	O MUNDO DOS LICENCIANDOS E OS SENTIDOS SOBRE O EMPREENDEDORISMO	25
5.1	O Empreendedorismo e sua relação com o Ensino Superior e com o ingresso no mercado de trabalho	27
5.1.2	A disciplina Empreendedorismo, Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de vida na visão de licenciandos	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS	33
	APÊNDICE - Questões da entrevista semiestruturada	36

1. INTRODUÇÃO

Diante da crise do capitalismo, o neoliberalismo tenta ultrapassá-la com uma equivocada promoção da diminuição do Estado por meio da restrição das políticas públicas sociais e dos direitos trabalhistas. Nesse viés, em meados de 1990, o empreendedorismo chega ao Brasil como uma maneira de não cobrar a solução do Estado para o combate ao desemprego nem exigir desta instituição soluções para diminuir desigualdades sociais. Assim, o empreendedorismo vem, fantasiosamente, para salvar os jovens de uma onda de desemprego que atingia o país na época ao mesmo tempo que desvia a atenção da população de exigir do Estado uma resposta para os referidos problemas econômicos e sociais.

Desde então, mesmo que não diretamente, o empreendedorismo se faz presente mostrando, ficcionalmente, novos caminhos aos cidadãos. O empreendedorismo tem se tornado um tema que materializa a perspectiva neoliberal como uma equivocada solução para a economia do nosso país que, de fato, não tem conseguido contribuir na solução das desigualdades sociais e econômicas.

Depois de mais de uma década de monitoramento do empreendedorismo no Brasil, a pesquisa GEM nos mostra que este tema continua como um dos mais relevantes no cenário econômico e social do nosso país (GE MONITOR, 2017, p. 19).

Mas quem seria o empreendedor? Qual seu nível de escolaridade? O empreendedorismo, é de fato, um caminho extremamente curioso e fantasioso para os jovens que estão concluindo o ensino médio e ainda mais, para os que vivem em situação de vulnerabilidade.

As questões sociais são determinantes para que o perfil empreendedor seja despertado tendo em vista que esses jovens buscam mudar de vida e há uma propaganda enganosa de que com o empreendedorismo esse milagre aconteceria. Assim, o empreendedorismo é “uma concepção psicológica que, ao assumir uma representação social do indivíduo como um agente autônomo e único responsável por seu sucesso ou seu fracasso, oculta o jogo de interesses e valores sempre presentes na construção do conhecimento” (BULGACOV et AL, 2011, p. 698).

Nesse caminho, a escola deveria ser um ambiente crítico de disseminação do conhecimento e reflexão dos problemas sociais passa a ser um aparelho ideológico do Estado, na qual há a reprodução da desigualdade e o convencimento de que a responsabilidade do sucesso ou fracasso na vida é exclusiva do indivíduo (ALTHUSSER, 2009).

Segundo Ribeiro (2015, p. 367), no, então, ano de 2015, “as redes de ensino de todo o País estão sendo instadas a se mobilizar em torno do documento intitulado Base Nacional Comum Curricular proposto pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2015).” Nesse novo currículo, houve a introdução da disciplina de empreendedorismo, que visa mostrar ao alunato a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, sem mesmo ter acesso ao ensino de nível superior. Nesse caminho, essa reformulação do ensino médio, trouxe e tem direcionado para o âmbito educacional o intenso interesse dos jovens pelo empreendedorismo e a sociedade capitalista é mais uma isca para essa visão fantasiosa em uma busca incompetente dedas soluções das desigualdades sociais e econômicas.

Entendemos que essa proposta fantasiosa do empreendedorismo oferece ao jovem um suposto caminho mais curto que pode ou não o levar ao sucesso ao mesmo tempo em que deposita nesse mesmo jovem a justificativa do seu sucesso ou do seu fracasso. Ou seja, na perspectiva do empreendedorismo atualiza uma das características do liberalismo, o individualismo. Nesse viés, a educação neoliberal como um fator determinante para esses supostos novos caminhos reatualiza e contribui para a exclusão e a injustiça social com a população mais pobre que (re)produzem as desigualdades econômicas e sociais (FRIGOTTO, 2009; GENTILI, 2012; SILVA, 2012).

Nessa perspectiva, o neoliberalismo busca distintas maneiras para ocultar a crise do capitalismo ao mesmo tempo que sublinha a ideologia da meritocracia para justificar as desigualdades presentes em nossa sociedade por meio da responsabilização individual de cidadão. Para Gentili (2012), os defensores do neoliberalismo encobrem as crises estruturais do capitalismo por meio de:

Uma estratégia de poder que se implementa sentidos articulados: por um lado, através de um conjunto razoavelmente regular de reformas concretas no plano econômico, político, jurídico, educacional, etc. e, por ou através de

uma série de estratégias culturais orientadas a impor novos diagnósticos acerca da crise e construir novos significados sociais a partir dos quais legitimar as reformas neoliberais como sendo as únicas que podem (e devem) ser aplicadas no atual contexto histórico de nossas sociedades (2012, p. 01).

Diante do contexto acima explicitado, podemos perceber que uma educação sob a perspectiva do neoliberalismo atrela o futuro pessoal e profissional do jovem, via a meritocracia, deixando subentendido que o jovem é responsável por seu mérito independentemente de sua camada social, econômica e cultural.

Nesse caminho, Silva (2011) denuncia o sistema capitalista se utiliza de um projeto específico de educação por meio de uma relação direta para justificar a dominação. O autor investiga que:

A situação que a educação moderna se encontra na sociedade capitalista, principalmente ao constataremos que a questão da dominação se potencializa na educação quando esta se volta para o desenvolvimento social e econômico da sociedade capitalista contemporânea. Propomos uma abordagem da educação e a estreita relação com o capitalismo (2011, p. 516).

Levando em consideração essas desigualdades, percebe-se um crescente desinteresse dos jovens pelo Ensino Superior em decorrência do Ensino Médio, vinculado ao neoliberalismo, focar no empreendedorismo como processo de ideológico para as novas gerações. Além de muitos deles não terem tempo para estudar mais após a conclusão do Ensino Médio. Diante disso, Pochmann (2009) Apud Bulgacov et Al (2011):

No Brasil temos 37 milhões de jovens na faixa etária de 16 a 24 anos. A metade desses jovens não estuda. A outra metade que estuda está fora de série, não acompanha a relação idade e série. Os jovens filhos de pobres no Brasil só estudam quando trabalham. Nós não temos estudantes que trabalham, mas jovens trabalhadores que estudam. Quando falta trabalho ou a renda é pouca ele abandona o estudo. Este ano 500 mil jovens do ensino médio abandonarão a escola por não ter complementação de renda. Um jovem que trabalha e estuda está comprometendo 16 horas diárias, ou seja, não tem tempo pra estudar (2011, p. 699)

No que se refere ao empreendedorismo no currículo educacional, ele está sob os princípios economicistas e utilitaristas. Essa perspectiva rompe com a finalidade de uma educação crítica, reflexiva e emancipatória, ainda de acordo Bulgacov et AL:

Assim, pode-se inferir que a atividade empreendedora, particularmente quando decorre de uma ação realizada por necessidade de sobrevivência, é

fruto dessas transformações conjunturais ocorridas nas relações de trabalho e emprego. (2011, p. 699)

Tendo em vista a utilidade desse novo currículo quanto ao empreendedorismo, é necessário entender de que maneira ele influencia as escolhas dos jovens da Educação Básica das camadas populares em querer serem “empreendedores” ou continuar seus estudos ingressando no Ensino Superior.

Segundo Frigotto (2007), a, então, realidade social, econômica educacional dos jovens brasileiro, está organizada da seguinte maneira:

Apenas cerca de 46% dos jovens têm acesso ao ensino médio, sendo que mais da metade destes o fazem no turno noturno e, grande parte, na modalidade de supletivo. Quando analisamos por região, a desigualdade aumenta. No campo, por exemplo, apenas 12% freqüentam o ensino médio na idade/série correspondente, também com enormes desigualdades regionais.

Nesse viés é importante problematizarmos a educação em uma sociedade capitalista, que diminui a responsabilidade do Estado nas questões sociais da população, analisando licenciandos em matemática, que em algum momento de seu Ensino Médio tiveram contato com a disciplina Empreendedorismo ou com o Projeto de Empreendedorismo. Os licenciandos, que foram sujeitos da nossa pesquisa, estavam cursando períodos distintos do curso de Licenciatura, dessa maneira, podemos coletar opiniões distintas sobre seu contato com o Empreendedorismo.

A partir do contexto acima, temos como problema de pesquisa: Quais são as percepções dos licenciandos em matemática sobre disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida?

Nossa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar as percepções dos licenciandos em matemática sobre disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida.

E como objetivos específicos:

- Identificar as percepções positivas sobre a disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida causa no Ensino Médio a partir dos licenciandos de matemática;

- Elencar as opiniões negativas sobre a disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida causa no Ensino Médio a partir dos referidos licenciandos.

Vale ressaltar que a escolha do presente tema de pesquisa se deu pelo fato de observar as mudanças realizadas no currículo do Ensino Médio com a inclusão da temática do empreendedorismo. A referida temática vem sendo justificada como sendo útil de preparar os jovens para o mercado de trabalho na iludindo com novas oportunidades de inserção na sociedade e de mudança de vida.

Entretanto, como anteriormente mencionado serve para encobrir a crise do capitalismo e a não exigência do Estado em buscar solucionar o aumento das desigualdades sociais

A temática do empreendedorismo precisa ser sedutora sob a perspectiva do neoliberalismo. O empreendedorismo, é um caminho cujo os jovens tendem a se interessar pelo fato de ser algo que de certa maneira, entrarão no mercado de trabalho de imediato.

Nesse contexto, o empreendedorismo um fator determinante para desviar e desincentivar os jovens de camada popular de ingressarem no Ensino Superior.

Essa exclusão educacional que materializa a exclusão social, infelizmente, vem atingindo, na história do Brasil, muitos indivíduos das camadas populares. A exclusão social é definida como um conceito que:

Está relacionado com a impossibilidade de participação em diversos domínios da cidadania. Este conceito é complexo, multidimensional, multifacetado e dinâmico e pode ser definido como o processo através do qual certos indivíduos são marginalizados da sociedade e excluídos da participação social plena, em virtude da pobreza, falta de competências básicas, falta de oportunidades ao longo da vida em resultado da discriminação social (EUROSTAT apud COSTA; CARVALHO 2011, p. 105).

Dessa forma Hansemark (apud COSTA; CARVALHO, 2011, p. 106) afirma que:

A educação para o empreendedorismo pode ser definida como a educação com o objectivo de criar um novo produto ou serviço, com valor económico, particularmente dirigido a pequenas empresas, ao autoemprego e ao desenvolvimento de novas competências.

Assim, a temática do empreendedorismo na educação é reflexo de uma sociedade focada na promessa de consumo e riqueza para todos, mas que apenas o grupo hegemônico consegue continuar nesse lugar de prestígio social e econômico.

De acordo com Mendes (2011, p. 8),

O empreendedorismo na educação está ainda fundamentado em princípios economicistas e utilitaristas pois surge das necessidades de um paradigma sociocultural industrial e de um paradigma educacional racional e, nesse sentido, é inútil propor estratégias empreendedoras e aplicá-las num contexto escolar deste tipo.

Tendo em vista a utilidade desse novo currículo quanto ao empreendedorismo, é necessário entender a importância dele na Educação Básica e no Ensino Superior para entender também as escolhas dos jovens.

2. CURRÍCULO: INFLUÊNCIA E LEGITIMIDADE NA ATIVIDADE EDUCACIONAL

O campo de produção de conhecimento sobre o currículo vem contribuindo para demonstrar que a seleção do que vai ser ensinado, o espaço que cada temática possui e a defesa da qualidade de uma formação educacional nunca é uma decisão neutra. Ela carrega relações de poder e saber que estão vinculadas a projetos em disputas de sociedade, de educação e de formação humana.

Nesse caminho, podemos entender que o currículo, em sua origem, tem o fundamental papel de ordenar os conteúdos e suas fragmentações, para auxiliar as ações educativas. Sacristán (2013), ao tratar da origem do currículo, afirma que:

O currículo significava o território demarcado e regado do conhecimento correspondente aos conteúdos que professores e centros de educação deveriam cobrir; ou seja, o plano de estudos proposto e imposto pela escola aos professores (para que o ensinassem) e aos estudantes (para que o aprendessem). De tudo aquilo que sabemos e que, em tese, pode ser ensinado ou aprendido, o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade (2013, p. 17).

De fato, o currículo é um documento de extrema importância para o desenvolvimento escolar, ao se falar em disseminação do conhecimento, em prática,

em didática. Mas, é válido também para questões sociais, políticas e culturais, pois sua produção leva em consideração as necessidades da sociedade em suas mais diversificadas especificidades.

Ao falar em sociedade, sabemos que a escola é um ambiente capaz de produzir e reproduzir mudanças. Dessa forma, é por meio do currículo que essas mudanças podem ser favorecidas e dar suporte à sociedade nas questões educacionais.

Corroborando com Sacristán, Moreira e Silva (1994, p. 08) afirma que:

O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Dessa maneira, entendemos que o currículo é uma maneira de organizar os conhecimentos que serão apresentados aos alunos para que eles possam utilizá-lo no decorrer de sua vida. Porém, ele pode apresentar dois significados para o corpo discente, pois, de acordo com Sacristán (2007), o currículo:

Bifurca-se e assume dois sentidos: por um lado, refere-se ao percurso ou decorrer da vida profissional e a seus êxitos (ou seja, é aquilo a que denominamos de *curriculum vitae*, expressão utilizada pela primeira vez por Cícero). Por outro lado, o currículo também tem o sentido de constituir a carreira do estudante e, de maneira mais concreta, os conteúdos deste percurso, sobretudo sua organização, aquilo que o aluno deverá aprender e superar e em que ordem deverá fazê-lo (2007, p. 16).

Assim, a educação é (re)produtora de identidades e se materializa por meio do currículo. Este é determinado e responsabilizado pelas metas pré-determinadas pelo corpo escolar. Sendo assim, o currículo é prática e não apenas teoria. Ele é colocado em prática dentro da escola para conseguir alcançar as diversas metas estipuladas pela instituição educacional e se pode considerar a vivência (realidade) do alunado para a construção de um currículo crítico que ganha forma na organização educacional.

Dessa maneira, o currículo pode ser um documento de cunho crítico que eleva a capacidade do alunado de compreender as relações de poder, as desigualdades, as exclusões e as mudanças que acontecem na sociedade, quanto às mais diversas áreas: política, econômica, social e cultural. Assim, de acordo com Moreira e Silva (1994):

O currículo há muito tempo deixou de ser apenas uma área meramente técnica, voltada para questões relativas e procedimentos, técnicas e métodos. Já se pode falar em uma tradição crítica do currículo guiada por questões sociológicas, políticas e epistemológicas. Embora questões relativas “como” do currículo continuem importantes, elas só adquirem sentido dentro de uma perspectiva que as considere em sua relação com questões que perguntem pelo “por que” das formas de organização do conhecimento escolar (1994, p. 07).

Tanto na sociedade como no ambiente escolar, existe a necessidade de constante adaptações e mudanças. Nesse caminho, o currículo deve estar se renovando cotidianamente para satisfazer a demanda dos que precisam dele, passando a ser um documento de suma importância para que o processo educacional seja efetivado e para que não haja lacunas.

A escola deve atender às demandas dos diversos grupos que existem na sociedade, e, nessa perspectiva, ela deve ser facilitadora do processo de socialização, de inclusão e de mudanças do jovem e da própria sociedade onde ele está inserido.

Entretanto, o currículo já foi e ainda é utilizado apenas como forma de dominação em que a escola assume a característica de (re)produtora das desigualdades sociais. Para Moreira e Silva (1994, p. 10):

A escola foi, então, vista como capaz de desempenhar papel de relevo no cumprimento de tais funções e facilitar a adaptação das novas gerações às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorriam. Na escola considerou-se o currículo como o instrumento por excelência do controle social que se pretendia estabelecer.

Em uma perspectiva contrária à dominação e ao controle social, os estudos da teoria crítica do currículo desestabilizam essas relações de poder, promovendo no alunado o questionamento das desigualdades sociais e de como o currículo

tradicional (re)produz ou tenta (re)produzir essas desigualdades e exclusões sociais. Para Silva (1999, p. 30):

As teorias críticas desconfiam do *status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias tradicionais eram teorias da aceitação, ajuste e adaptação. Para teorias críticas, o importante não é desenvolver técnicas de *como* fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo *faz*.

Nesse caminho, o sistema capitalista está baseado na produção e reprodução da desigualdade econômica, social e cultural. E para que essas desigualdades aconteçam, a escola contribui para fortalecer e justificar essa (re)produção por meio do currículo diretamente ou indiretamente entre os grupos privilegiados e subordinados. Assim, segundo Silva (1999, p. 31):

A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sócias existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo, seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais “técnicas” como Ciências e Matemática. Além disso, a ideologia atua de forma discriminatória: ela se inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e obediência, enquanto as pessoas das classes dominantes aprendem a comandar e controlar (1999, p. 31).

A escola não está isolada na sociedade. Ela é fruto da sociedade capitalista e, também pode contribuir para denunciar e modificar as contradições e desigualdades existentes em nossa sociedade. Nesse caminho, o currículo assumido no cotidiano educacional pode contribuir para subverter as relações de dominação e ou pode reforça-las, pois a escola é detentora do poder de esclarecer as questões sociais e é através de seu currículo que ela pode espelhar essas relações e o funcionamento do local de trabalho. De acordo com Silva (1999, p. 33):

A escola contribui para esse processo não propriamente através do conteúdo explícito de seu currículo, mas espelhar o seu funcionamento, as *relações* sociais do local de trabalho. As escolas dirigidas aos trabalhadores subordinados tendem a privilegiar relações sociais nas quais, ao praticar papéis subordinados, os estudantes aprendem subordinação. Em contraste, as escolas dirigidas aos trabalhadores dos escalões superiores da escala ocupacional tendem a favorecer relações sociais nas quais os estudantes têm a oportunidade de praticar atitudes de comando e autonomia.

A sociedade atual, no sistema capitalista, infelizmente, é uma sociedade de exclusão, na qual os bens materiais são altamente relevantes para o bem estar de

muitos e a busca incansável por uma vida de qualidade leva os jovens a pensar exclusivamente em como ter mais poder aquisitivo.

A partir disso, o currículo não crítico vai se adaptando para manter as desigualdades adicionando disciplinas que fortaleçam tais aspectos, como no caso da disciplina empreendedorismo. Esta perpetua a ideia de empregabilidade que seu conceito defende, mas que não dá suporte a quem a busca. Nesta (re)produção das exclusões e contradições, disciplinas como o empreendedorismo contribuem para manter os indivíduos nos mesmos grupos subordinados e dominantes.

Assim, com a inclusão da disciplina de empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida direciona o alunado a assumir exclusivamente a responsabilidade do seu fracasso ou sucesso escolar e na vida. Essa direção retirada estado a responsabilidade pelo bem-estar social, enfatizando a meritocracia, com a intenção de criar trabalhadores polivalentes fazendo com que o alunado se adéque apenas às demandas do mercado. Esta responsabilização mascara as desigualdades estruturais que impedem a diminuição das desigualdades sociais

O Empreendedorismo é uma dessas disciplinas, que reflete um contexto neoliberal, em que a incentiva, supostamente, uma autonomia do alunado em relação às adversidades, às desigualdades econômicas, à diminuição dos postos de trabalho na sociedade contemporânea. Assim, ilusoriamente, é incentivado uma autonomia no alunado que conclui o Ensino Médio encorajando-o a abrir seu próprio negócio, além disso, mostrando que o empreendedorismo pode trazer mudanças positivas a partir de suas ações, que pobreza não é ausência de renda e sim a incapacidade de um ser humano de utilizar seu potencial para desenvolver-se (SILVA, 2020).

3. O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO MÉDIO

Na atualidade, em decorrência da crise econômica que estamos vivendo com o aumento do quantitativo de desempregados, aumento do custo de vida, das desigualdades sociais, econômicas, culturais etc., percebe-se um crescimento da mídia em fazer reportagem incentivando pessoas a serem empreendedoras. Porém, o que se percebe com esse incentivo ao empreendedorismo é a ocultação da crise

do capitalismo na atual sociedade neoliberal. Segundo Nassif, Gbobril e Amaral (2009, p. 145):

Processo acirrado de crescimento e desenvolvimento da economia tem exigido, do lado dos trabalhadores, um diferencial para se tornarem empregáveis. Do lado das organizações, essa exigência perpassa diferentes variáveis e uma das mais preocupantes é a manutenção ou dispensa de empregos.

Tendo em vista esse contexto, entendemos que o ensino de empreendedorismo nas escolas tem impulsionado jovens em busca do ingresso imediato do mercado de trabalho. De acordo com Júnior et AL 2006, p. 02, apud Dornelas, 2005, p. 26:

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 1990, quando entidades como Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas.

No currículo da educação do estado de Pernambuco, percebemos que o a disciplina de empreendedorismo ou o projeto de empreendedorismo foi introduzida no currículo das escolas como uma disciplina obrigatória. Nessa disciplina, os alunos tem o conhecimento do que vem a ser o empreendedorismo e qual seria a suposta importância dessa disciplina no mercado de trabalho e na vida de quem busca sair da escola e por acreditar em uma ascensão social e econômica.

Porém, há nesse perfil curricular uma dualidade, o aluno da camada popular que busca o mercado de trabalho como empreendedor é incentivado indiretamente a desistir do seu ingresso na Universidade e isso pode trazer impactos futuros em sua vida profissional e para a sua formação cidadã.

A fragmentação da identidade dos jovens faz com que busquem o mercado de trabalho como também uma tentativa de se livrar da exclusão social que se alastra pela sociedade, o que exalta a Teoria do Capital Humano(GENTILI, 2009; GENTILI; SILVA, 2012; SILVA, 2020).

Assim, a Teoria do Capital Humanos retira do Estado a responsabilidade de empregabilidade, pois essa responsabilidade passa a ser do jovem que deve em suas ações buscar o melhor caminho continuamente em que seus conhecimentos adquirem o estatuto de capital.

Nesse caminho, o empreendedorismo aparece como sendo a porta de entrada para o capitalismo moderno e a maneira de escapar da exclusão social.

Focando em uma propaganda, no contexto da crise atual do capitalismo, há uma ênfase equivocada sobre a conquista de uma independência econômica. Esta propaganda ficcional seduz negativamente os jovens das camadas populares que buscam lutar pela sobrevivência e a necessidade de contribuir no orçamento de sua família, além de desejarem ter mobilidade social.

Para muitos desses jovens das camadas populares, o empreendedorismo é essa saída para que consigam de maneira mais rápida sem terem a possibilidade de refletirem sobre quais são as responsabilidades dos gestores públicos em tentar diminuir a crise do capitalismo, a exclusão social e as desigualdades.

Segundo Silva (2020, p. 13): “a teoria do Capital Humano colaborou para a fragmentação da identidade dessa classe, ao transformar cada um dos trabalhadores em “capitalistas” em disputa no mercado [...]”

Quando falamos de Teoria do Capital Humano, podemos tratá-la em dois âmbitos: o escolar e o mercado de trabalho. No âmbito escolar, percebemos a participação da escola na reprodução do sistema capitalista, que tem como foco o lucro. De acordo com Silva (2020, p. 13):

A escola tem papel importante na reprodução do sistema capitalista, reforçando a confusão causada pelo processo de fragmentação da classe trabalhadora. No interior das relações educacionais, os alunos reproduzem os discursos que produzem e justificam a fragmentação e dualidade estrutural da sociedade capitalista.

No mercado de trabalho, a teoria tem um foco econômico, dessa maneira, temos que o capital é o que é visado pelo jovem que enxerga o empreendedorismo como fator determinante para seu sucesso futuro e ao introduzir o empreendedorismo no novo currículo do ensino médio, o jovem acredita que esse futuro esteja mais próximo de se concretizar.

Porém, na Teoria do Capital Humano, há uma desigual distribuição do capital. Para Oliveira(2001, p. 02):

A Teoria do Capital Humano estrutura-se a partir de uma leitura do sistema capitalista na qual não se apreende que a história é feita dentro de relações sociais conflituosas, determinadas pela apropriação desigual da riqueza.

Podemos dizer ainda que, a Teoria do Capital Humano, segundo Silva (2010, p. 518):

Trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder as demandas do capital. A educação se apresenta com um papel estratégico no contexto neoliberal, formar o trabalhador para o processo de produção.

Assim, podemos perceber que há uma intrínseca relação entre o empreendedorismo e a educação, pois, mesmo que o jovem busque o caminho do empreendedorismo, ele terá que ter uma educação pautada em investimentos para que possa colocar em prática seu plano. Sendo assim, Silva afirma que (2010, p. 518):

Nessa teoria, a educação é fundamental para “criar e aumentar” o capital humano. É o processo educativo que produzirá algumas atitudes e conhecimentos para capacitar para o trabalho. Assim sendo, neste ponto de vista, a educação é tida como um dos fatores que auxiliam no desenvolvimento e na distribuição social de renda.

Ao falar de desenvolvimento de distribuição de renda, podemos problematizar o empreendedorismo na escola, visando às questões sociais. Sempre haverá um jovem em situação desigual em relação à condição social, econômica e cultural com outros jovens da camada média e alta da sociedade. Diante desse contexto, para Silva (2010, p. 519):

Durante a década de 60, no auge da TCH, passou-se a postular que deveria privilegiar e investir mais em “capital humano” do que em recursos físicos para se alcançar uma maior renda nacional. Levando-se a concluir que esta teoria relacionava o crescimento e o aumento da renda ao grau de escolarização.

A educação neoliberal se enquadra exatamente nessa lógica de capital humano. O neoliberalismo incentiva o jovem para o mercado de trabalho, logo, o atrai para a empregabilidade fazendo com que ele vise o empreendedorismo como saída para o futuro. Dessa maneira, segundo Mendes e Lima(2015, p. 01):

O neoliberalismo usa a educação de forma interessada na produção do sujeito para o mercado, como um importante mecanismo do capital humano. Nesse contexto, O CBC – como uma proposta sintonizada com o choque de gestão do governo de Estado de 2003 a 2014 – coloca a educação mineira sob mecanismos de regulação gerencial e de resultados, ambos a favor da economia. Concluímos que nesse complexo jogo de conduta das condutas,

do qual o CBC faz parte, atuam práticas de mercado, gerenciais e performáticas por meio de uma série de poderes e saberes que a ele estão associados, tornando as propostas curriculares supostamente indissociáveis a essas práticas.

A utilização da força bruta de trabalho está intrinsecamente ligada ao Empreendedorismo e a esse novo currículo que seduz os jovens das camadas populares com a promessa de ascensão social.

O jovem que está cursando o Ensino Médio, ao ser apresentado ao empreendedorismo, “descobre-se” “empreendedor”.

Ao se adicionar o empreendedorismo à matriz curricular, podemos perceber a relação direta com o neoliberal, compreender as relações existentes entre o mercado propriamente dito e a educação. Mas, e a realidade, será esta vista como fator determinante para o caminho escolhido pelo jovem? Será que há uma condição social favorável para todos, já que a Teoria do Capital Humano visa, supostamente, à empregabilidade e à questão econômica? Tendo em vista as mais diversas realidades no qual vivemos no Brasil, podemos perceber que muitos jovens vivem em vulnerabilidade social e a educação é a única saída para melhorar de vida por meio da mobilidade social.

Entretanto, o empreendedorismo introduzido ao currículo do Ensino Médio, tende a criar uma ilusão nas soluções dos problemas da falta de emprego via o empreendedorismo:

O ambiente de desemprego, considerado como inevitável, representava uma necessária ampliação da competitividade no mercado de trabalho. Os “riscos sociais” produzidos por este ambiente poderiam ser minimizados com uma nova mentalidade e um novo comportamento do indivíduo, nesta lógica novos conceitos como empregabilidade e empreendedorismo foram introduzidos (LIMA, 2015, p.15).

Lima(2015) expõe que para Kruppa que “cada um passa a ser responsável por obter requisitos que farão dele um trabalhador em condições de ser empregado e de auferir boa renda” (KRUPPA apud LIMA, 2015, p. 15). Assim, o empreendedorismo introduzido no Ensino Médio é um caminho que pode ser seguido, mas que não tem garantia de sucesso em decorrências das desigualdades apontadas anteriormente.

4. METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, pois, pretendemos analisar as respostas coletadas via roteiro de perguntas semiestruturada. As respostas produzidas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 1977; BAUER, 2002; GOMES, 2009). A AC nos permitiu chegar a uma compreensão sobre os aspectos simbólico que constituem a realidade social em relação a temática do empreendedorismo no Ensino Médio.

Nesse aspecto, de acordo com Freitas e Jarbour (2011, p. 09), “quando a finalidade é explicar ou descrever um evento ou uma situação, a abordagem adotada deve ser a qualitativa.”

A partir da natureza qualitativa, tivemos a finalidade de alcançar os objetivos específicos: a) Identificar as percepções positivas sobre a disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida causa no Ensino Médio a partir dos licenciandos de matemática; e b) Elencar as opiniões negativas sobre a disciplina empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida no Ensino Médio a partir dos referidos licenciandos.

Como mencionado anteriormente, utilizaremos a metodologia de Análise de Conteúdo na descrição e interpretação dos dados obtidos por meus das respostas de nossa pesquisa. Segundo Moraes (1999, p. 02):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Nesse caminho, Moares (1999) ainda afirma que a Análise de Conteúdo vai além de uma mera técnica de análise, trata-se de uma metodologia, pois ela:

Faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias (1999, p. 02).

Entendemos os diferentes discursos dos interlocutores que apareceram durante as entrevistas. Assim, percebemos a necessidade da Análise de Conteúdo que, de acordo com Minayo (1993, p. 79):

Esse estudo do material não precisa abranger da totalidade das falas e expressões dos interlocutores, porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costuma ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor.

Ao falar da técnica de coletas de dados, especificamente, trabalhamos com a entrevista semiestruturada. A partir dessa técnica, seguimos um roteiro de perguntas previamente elaboradas o que possibilitou fazer outras perguntas relevantes no decorrer de cada entrevistas. De acordo com Duarte (2004, p. 215):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

A coleta desses dados se deu a partir de uma conversa com os entrevistados, através do *Google Meet*. A entrevista foi gravada, após solicitação da pesquisadora e consentimento dos entrevistados. Ressaltamos ainda que os entrevistados assinaram o Termo de Livre Consentimento.

- *Tratamento dos dados*
- *Seleção dos entrevistados*

A pesquisa foi realizada com 04 discentes, Licenciandos em Matemática, pela Universidade Federal de Pernambuco, Campus Acadêmico do Agreste, egressos do Ensino Médio. A seleção dos referidos sujeitos da pesquisa se deu pelo critério deles terem cursado no Ensino Médio a disciplina empreendedorismo ou projeto de empreendedorismo ou projeto de vida

Como anteriormente mencionado, selecionaremos 4 licenciandos que cursaram a referida disciplina ou o projeto de empreendedorismo ou projeto de vida em seu Ensino Médio. Esses sujeitos da pesquisa são dois do gênero feminino e dois do gênero masculino. Esses sujeitos da pesquisa também foram selecionados até o quarto semestre do referido curso de licenciatura. Esse critério foi tomado

visando entender como esses licenciandos chegam a Universidade, e como se posicionam quanto ao empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida. Por estarem no quarto período há a possibilidade das lembranças sobre a temática ainda está mais recente em suas memórias.

5. O MUNDO DOS LICENCIANDOS E OS SENTIDOS SOBRE O EMPREENDEDORISMO

Através de tal procedimento de análise, categorizamos a fala dos entrevistados em categorias que nos levaram a uma possível conclusão sobre o tema abordado. Dessa maneira, dividimos a fala dos entrevistados em dois eixos: a) Mudanças causadas pelo empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida no Ensino médio; e b) O empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida e sua relação no ensino superior e o ingresso no mercado de trabalho;

- ***Sobre os entrevistados***

Situando os sujeitos da pesquisa na estrutura social, o nível de escolaridade das pessoas que constituem a família dos licenciandos está constituído da seguinte maneira: em maioria, os pais dos licenciandos não possuem nível superior. Muitos deles têm apenas o Ensino Fundamental incompleto. Em relação aos irmãos, alguns destes têm nível superior educacional. Em relação à renda média fica em torno de um salário mínimo (R\$1100,00).

O entrevistado mais jovem tem 20 anos e o mais velho tem 28 anos, distribuídos da seguinte maneira: um de 20 anos, uma de 22, uma de 24 e um de 28 anos. Ainda tivemos a informação de que dos quatro, apenas um era casado, estando a sua esposa desempregada no momento da realização da pesquisa.

- ***Mudanças causadas pela disciplina empreendedorismo, projeto de Empreendedorismo ou projeto de vida no Ensino Médio.***

Como anteriormente mencionado, a reforma do Ensino Médio, trouxe alterações no currículo da Educação Básica, dentre eles, a introdução de disciplinas

como empreendedorismo, projeto de empreendedorismo ou projeto de vida. Essas disciplinas repercutiram diferentes opiniões por parte dos licenciandos:

Mudanças, acho que tem algumas, né? Não sei se especificamente voltada para o empreendedorismo. Eu acho que o fato de terem tirado disciplinas, de terem transformado algumas disciplinas em não obrigatórias acaba sendo uma influência negativa né? Mas eu não acho que isso me influencie em alguma coisa, pelo fato de já haver essa disciplina quando cursei o Ensino Médio.(Licenciando 1 – 22 anos)

Não vejo essas mudanças na educação depois da introdução do empreendedorismo (Licenciando 2 – 24 anos)

Bom, sim, eu enxergo mudanças após a reforma do Ensino Médio. Não Considero que essas mudanças sejam de um ponto de vista positivo. Pois, essas mudanças voltadas ao empreendedorismo, estão fazendo com que o jovem apenas tenha um projeto de vida nessa disciplina voltada para o mercado de trabalho. Principalmente quando essa disciplina é tratada nas escolas públicas e aí a gente sabe que as escolas públicas possuem uma função social de formar os cidadãos para o futuro. No entanto, muitas vezes esse jovem não tem tanto tempo disponível para poder ingressar no mercado de trabalho. Até porque, quando esse jovem está numa escola pública ele necessita de uma renda para contribuir para ajudar sua família ou posteriormente para sustentar a sua família que ele constrói. Pois, a gente sabe que muitos jovens casam cedo que necessitam de uma renda para sustentar a família e aí a partir desse projeto de empreendedorismo trazido na reforma do Ensino Médio, esse jovem são cada vez mais incentivados a ingressar no mercado de trabalho. Eu trago isso como um ponto negativo e como ponto positivo e instigar o jovem a ingressar mais no mercado de trabalho, de certa forma de gerar uma renda para ajudar a sua família, ajudar sua casa e de repente romper com um pouco com a desigualdade social que pode ser um problema para sua família. Seja falta de uma renda ou uma renda muito baixa e aí quanto mais gente trabalhando mais dinheiro vai entrar para essa casa. (Licenciando 3 – 28 anos).

Eu acredito que ficou um pouco mais dinâmico, pois eu acho que foi acrescentado algumas disciplinas que são eletivas, como também o empreendedorismo, mas eu acho que ficou muito sufocante por causa que são muitas disciplinas para dar conta. (Licenciando 4 – 20 anos).

Partindo da fala dos entrevistados, podemos perceber que três dos quatro entrevistados observaram mudanças após a Reforma do Ensino Médio. Mudanças que podem ser vistas e analisadas, a partir da visão dos autores citados no estudo, como positivas e/ ou negativas. De fato, mudanças ocorreram e isso influenciou diretamente os alunos que tinham acesso ao nível de escolaridade. De acordo com Coan:

Entende-se que a proposição de se educar para o empreendedorismo carece de análises mais acuradas para se compreender a popularidade adquirida pelo tema na área da educação, como atitude a ser formada nos trabalhadores para enfrentarem os desafios atuais, principalmente no que diz respeito ao trabalho e à empregabilidade (2013, p. 04)

Sobre o processo de evasão, podemos observar o fato, nas falas dos licenciandos 3 e 4, pois, citam em suas falas as necessidades que muitos possuem de abandonarem os estudos, mesmo que ainda estando no nível de educação básica de ensino e ingressarem no mercado de trabalho, além de o acúmulo de disciplinas sufocarem os alunos, sendo fator de incentivo para o abandono escolar. Ao analisar as falas dos licenciandos, chegamos à conclusão de que se aplica a Teoria do Capital Humano, na qual a necessidade do ingresso no mercado de trabalho intensifica a substituição de carreiras sólidas por trabalhadores polivalentes (Silva, 2020).

5.1 O Empreendedorismo e sua relação com o Ensino Superior e com o ingresso no mercado de trabalho

O currículo escolar é fator determinante para as escolhas dos jovens após a conclusão do ensino médio. É papel da escola, mapear os caminhos, tornar claras as oportunidades que o aluno pode ter, mas não se descarta o fato de que escola é também responsável pela fragmentação da classe trabalhadora e que isso determina de acordo com a questão social, os caminhos a serem seguidos. “Assim, a Teoria do Capital Humano e o empreendedorismo se determinam mutuamente reorganizando a cultura educacional em espaços escolares e não escolares” (SILVA, 2020, p. 03).

Nas falas dos entrevistados, podemos evidenciar suas posições em relação ao Empreendedorismo, ao Projeto de Empreendedorismo ou ao Projeto de Vida relacionados no ingresso ao Ensino Superior de Ensino ou no mercado de trabalho.

Falando da minha experiência, não teve importância não. Pois não ficou muito claro no ensino médio, os reais objetivos da disciplina, mas acredito que para alguns pode haver alguma relação com presente. Para quem faz administração, para quem faz sei lá alguma faculdade, algum curso, que isso tem a ver mas para mim não teve muita influência não, na verdade não teve nenhuma influência. (Licenciando 1 – 22 anos)

Eu acredito que depende muito do professor, da prática dele. Para quem já tem o objetivo traçado de ingressar na universidade, já tem o objetivo de ter um curso superior eu não acredito que ela tire o foco, mas assim para alunos que tem o objetivo de conseguir uma forma de ganhar dinheiro assim que terminar o Ensino Médio acredito, que a disciplina pode tirar um pouco foco dos cursos superiores tendo em vista que a gente precisa passar no mínimo quatro anos para poder conseguir um emprego na área e ganhar relativamente bem. (Licenciando 1 – 22 anos)

Que eu saiba tem um colega meu que tem sucesso nesse ramo do empreendedorismo e na minha opinião isso aconteceu porque ele já tinha esse negócio antes mesmo da gente ingressar no ensino médio, pois os pais dele já tinham esse negócio então acaba que tem uma base. (Licenciando 1 – 22 anos)

Percebemos na fala do entrevistado que a disciplina a qual teve acesso durante seu ensino médio não lhe foi decisória para que lhe fosse despertado o interesse por ingressar no Ensino Superior de Ensino e que, os colegas que seguiram o empreendedorismo e obtiveram sucesso, já tinham algum contato com o mesmo, como foi citado que a família já teria algum negócio relacionado ao ramo empreendedor.

Podemos perceber em outras falas de entrevistados, que o Empreendedorismo relacionado ao currículo na educação básica também não foi fator influenciador para o ingresso no Ensino Superior de Ensino.

Eu acredito que o empreendedorismo não é um fator determinante para que o aluno vá para um ensino superior, pois existem outras influências nas relações pessoais, o convívio, a realidade que ele está inserido de realmente querer ir ou não para o nível superior. (Licenciando 2 – 24 anos)

Bom, para mim a disciplina que incentivou um pouco a minha entrada na universidade foi à própria disciplina de matemática, pois eu me identifiquei bastante no meu ensino médio, e também no ensino fundamental. No entanto, a disciplina de empreendedorismo, eu diria que ela contribuiu, porém de forma muito, muito baixa, porque a disciplina de empreendedorismo não consegue desenvolver um senso de raciocínio, fazendo com que o aluno consiga enxergar que essa área dá entrada na universidade, em um curso de licenciatura. Acredito que foi útil para mim, quanto a informação, mas, para trazer uma renda para sustentar minha família que é o que justamente ocorre hoje, se dá através da universidade em que estou me formando, devido as aulas já consigo dar e já me manter com a com essa renda e na disciplina de empreendedorismo ia ter essa visão. (Licenciando 3 – 28 anos)

Eu acredito que a disciplina de empreendedorismo incentiva o aluno a querer buscar mais conhecimento sobre aquela área e não diretamente o incentive a ingressar no Ensino Superior. (Licenciando 4 – 20 anos)

Podemos perceber diante as falas dos entrevistados, que o Empreendedorismo em si, não foi fator determinante para escolherem ingressarem no nível Superior de Ensino, e que tal disciplina foi interessante para seu crescimento pessoal, mas que somente com o curso que escolheram no ensino superior, veem uma possibilidade de melhora em seu futuro, tanto socialmente, como financeiramente.

Por outro lado, os colegas de classe no Ensino Médio que conseguiram sucesso no ramo, já possuíam algum vínculo com a área através de seus familiares.

Nesse sentido, entendemos que a questão social, é predominante quando se diz respeito ao sucesso ou fracasso de jovens que ingressaram no ramo empreendedor, o que reafirma a fragmentação da sociedade, na qual as incertezas se fazem presentes e o Estado deixa de se responsabilizar pela sociedade.

Nesse caminho, Silva (2020, p. 05) afirma que: a sociedade empreendedora é uma sociabilidade que foi construída num processo de incertezas advindos do período de transição entre o Estado de bem-estar social e a acessão do neoliberalismo.

5.1.2 A disciplina Empreendedorismo, Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de vida na visão de licenciandos

As mudanças ocorridas no currículo da educação básica de ensino geram diversas opiniões. Dessa maneira, buscamos entender o que essas mudanças ocasionaram no currículo de quem estava ligado diretamente ao mesmo, ou seja, os licenciandos que tiveram contato com o novo currículo instaurado. Nessa concepção, entendemos que a introdução das referidas disciplinas no Ensino Médio trouxe um novo sentido a questão de empregabilidade, a diminuição dos empregos trouxe ainda mais à tona a necessidade de empreender. Para Lima:

Com a diminuição desses empregos disponíveis, o fomento à empregabilidade seria insuficiente sendo necessário, segundo o receituário neoliberal, o estímulo ao desenvolvimento do indivíduo empreendedor pelo incentivo ao empreendedorismo. Desta forma, o trabalhador proporciona sua inserção por intermédio de desenvolvimento de novos mercados e da criação de empresas. (2008, 15-16)

Indagamos os licenciandos, buscando compreender o que seria positivo e negativo da disciplina Empreendedorismo, Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de Vida no currículo da educação básica, levando em consideração a inserção social e a empregabilidade e em algumas de suas falas podemos destacar essas opiniões.

Acredito que as vantagens seriam oferecer aos estudantes uma visão mais ampla do que eles poderiam fazer ao terminar o Ensino Médio, principalmente em cidades pequenas que a realidade voltada ao ingresso na universidade é mais distante. As desvantagens, eu acredito que se dá devido ao fato de que muitas vezes essa disciplina ela não tem os objetivos muito esclarecidos, ao cursar o ensino médio para mim era uma disciplina que não acrescentava muito na minha formação. (Licenciando 1 – 22 anos)

Acredito que a vantagem é de mostrar ao aluno uma possibilidade de caminhos além de um curso superior, porém, a desvantagem é que dependendo da realidade dele, ele não tenha como dar início, um ponto de partida, de como ele vai investir, não tem essa perspectiva, pois de onde ele vai tirar esse Capital para investir, se muitas vezes existem casos de que ele não

tem o suficiente nem sua casa para que ele possa sobreviver juntar sua família? (Licenciando 2 – 24 anos)

As vantagens dessa disciplina é como eu falei, acho ela importante, pois ela auxilia o jovem a encontrar um projeto de vida e talvez definir o seu futuro nos próximos anos. No entanto as desvantagens, analisando a experiência de quando eu fiz ensino médio e pelo professor que conduziu essa disciplina, a mesma deixava um pouco restrito aos alunos a forma de pensar esse empreendedorismo do que seria esse empreendedorismo ou no que seria esse projeto de esse projeto de empreendedorismo. (Licenciando 3 – 28 anos)

Eu acho que as vantagens seriam entender que o empreendedorismo seria uma boa opção de ganhar dinheiro e as desvantagens, eu acho que seria a parte burocrática que nós enfrentamos, pois para abrir uma empresa nós enfrentamos grandes dificuldades. (Licenciando 4 – 20 anos)

Através das opiniões coletadas, podemos perceber que é praticamente unânime a relação da questão social para o futuro do jovem que busca ou não o mercado de trabalho e que o Empreendedorismo se torna algo atrativo. Entretanto, essa busca de um futuro melhor é restringindo exatamente em decorrência da realidade desses jovens. Assim, aquele que tem um equilíbrio financeiro, obterá sucesso. Já o que não tem esse equilíbrio, será muito mais difícil se sair bem no ramo, pois fatores como: o investimento, a localização, as demandas locais são de extrema importância para o bom desenvolvimento de um empreendimento.

A falta de recursos não é levada em consideração pelos jovens, . dessa maneira, o Empreendedorismo acaba perdendo a possibilidade de futuro melhor por não considerar esses limites e nem saber o que buscar.

Dessa maneira, afirmar que a educação, continua sendo uma forma de redistribuição de renda, mesmo sendo a escola, um ambiente de fragmentação da sociedade. Podemos reafirmar tais fatos a partir do posicionamento de Silva:

Os sistemas de educação pública e gratuita em certo ponto garantem a inclusão de uma parcela significativa da classe trabalhadora no mercado de trabalho. Mesmo com as seguintes tentativas de desmonte, ainda garantem certa redistribuição de renda a partir da educação. A escolha dos cursos secundário e superior são eivados de racionalidade instrumental porque ainda representaram uma porta de saída da pobreza. Selecionar a área mais prolífica significa ampliar as chances de alterar a condição social de vida. (2020, p.17)

Nesse caminho, a escola tem uma característica ambivalente entre uma (re)produção das desigualdades sociais ao mesmo tempo que contribui para subverter essas desigualdades. Esta constatação reforça o que foi explicitado anteriormente que na escola há uma arena de disputas entre projetos de formação humana, educação e de sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco compreender as mais diferentes mudanças, concepções, ocorridas no currículo da Educação básica com a Reforma do Ensino Médio. Tudo isso se deu, a partir da análise de falas de licenciandos, que estão cursando Licenciatura em Matemática, na Universidade Federal de Pernambuco, além disso, nossos selecionados tiveram em seu ensino médio contato com a disciplina de Empreendedorismo, Projeto de Empreendedorismo ou Projeto de Vida.

A análise foi feita, a partir de conversas informais, mediada por uma entrevista semiestruturada, na qual os licenciandos/entrevistados respondiam de acordo com sua vivência com a disciplina em questão. Vale ressaltar, que as perguntas foram elaboradas para que pudéssemos chegar em nosso objetivo.

Os dados obtidos, nos fizeram compreender a direta relação do empreendedorismo em si com a questão social, para aqueles que optam ou não o seguir. Sua função social, desmitifica o que o currículo oferece, pois nem sempre, o empreendedorismo dá ao jovem uma possibilidade de sair da pobreza e diante disso, foi observado vários fatores que determinam tal circunstância.

Podemos perceber ainda, que a escola responsável por repassar a verdadeira finalidade do Empreendedorismo na educação, de fato é falha, e fragmenta a sociedade, pois por muitas vezes não repassa de maneira clara a finalidade de disciplinas.

A ausência de clareza deixa os jovens inseguros, sem compreender ao certo, a real finalidade do Empreendedorismo, fazendo com que a essência se perca. É válido lembrar que, para os licenciandos/entrevistados, a disciplina pode trazer questões positivas, como o fato de abrir para o jovem, possibilidades diferentes do ingresso no ensino superior. Mas nos deixaram claro que, a realidade do mesmo, pode distorcer a relação com o mercado de trabalho.

A fragmentação da sociedade, o trabalho polivalente, a não responsabilidade do Estado com a sociedade, enfraquece o investimento pessoal e isso acaba por fechar portas para o mercado de trabalho.

Vale ressaltar que, nas falas dos licenciandos, a influência da disciplina em questão para o ingresso no ensino superior de ensino não é determinante e que dessa maneira, as mudanças no currículo da educação básica não são relevantes, pois é considerável que, quanto a ação empreender, só a teoria não reflete na prática.

Nesse sentido, ao averiguar as entrevistas semi estruturadas, podemos perceber a relação de reprodução da desigualdade, dentro de um ambiente que deveria extinguir essa situação, a escola. A realidade social de uma pessoa que está em um ensino médio, de fato determinará sua escolha, desde que seja seguir o empreendedorismo ou ingressar no nível superior de ensino. Constatamos também que, mais facilmente o empreendedorismo funcionará, se o ramo já for hereditário.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1997.

BAUER, M. W. **Análise de Conteúdo clássica**: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Som e Imagem: um manual prático. Petrópolis, Vozes, 2010;

Bulgacov, et AL, **Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?** Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, mai/jun. 2011

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo como estratégia para formar um trabalhador de novo tipo**. In: Revista labor, v. 1, 2013.

COAN, M. **Educação para o empreendedorismo**: implicações epistemológicas, políticas e práticas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011.

CRUZ JÚNIOR, J.B.C.; ARAÚJO, P.C.; WOLF, S.M.; RIBEIRO, T.V.A. **Empreendedorismo e educação empreendedora**: confrontação entre a teoria e prática. In: Revista de Ciências da Administração– v.8, n.15, p. 09-29, 2006.

CUNHA, C.; SILVA, M.; YAMAGUCHI, N. **Empreendedorismo**: histórias que motivam, despertam e encantam. In: Anuário de produção acadêmica docente, vol. 5, Nº 12, 2011.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. **Fazendo revolução no Brasil**: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. In: Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v.3, n.2 - 2013.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. In: Educar Em Revista.n. 24, Curitiba, July/Dec. 2004

FREITAS, W. R.S. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa**:boas práticas e sugestões. In: Estudo & Debate, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

FRIGOTTO, G. Crise do capital e a metamorfose conceitual no campo da educação. In (Org.) GENTILI, P. A. A.**Pedagogia da Exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 2009. GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa Qualitativa com Texto, Som e Imagem: um manual prático. Petrópolis, Vozes, 2010.

GENTILI, P. A. A. **O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora no campo educacional**.In: (Orgs.) GENTILI, P. A. A; SILVA, T. T. Neoliberalismo, qualidade total e educação. 4ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

GENTILI, P. A.A; SILVA, T. T.**Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 4ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

GOMES, R. **Análise e Interpretação de dados de Pesquisa Qualitativa**. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, Vozes, 2016.

LIMA, A. L., **Os riscos do Empreendedorismo: a proposta de educação e formação empreendedora**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008. Dissertação de Mestrado em Educação.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. In: Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NASSIF, V. M.J.; GBOBRIL, A.N.; AMARAIL, D.J.**Empreendedorismo por necessidade**: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. In:Pensamento Real, ano XII – n. 24, n. 1/2009.

SILVA, E.S.; SILVA G.P. **Desdobramentos da teoria do capital humano e assimilação do discurso empreender e empregabilidade**. Revista Educação em Questão, Natal, v.58, n. 56, p. 1-23, abr./jun. 2020.

SILVA, R. R. D. **Investir, inovar e empreender**: uma nova gramática curricular para o Ensino Médio brasileiro? In: Currículo sem Fronteiras, v. 16, n. 2, p. 178-196, maio/ago. 2016.

SILVA, T. T. **A “nova” direta e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia**. In: (Orgs.) GENTILI, P. A. A; SILVA, T. T. Neoliberalismo, qualidade total e educação. 4ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

APÊNDICE - Questões da entrevista semiestruturada

Qual a sua idade?

Quantas pessoas moram com você em sua casa?

Raça/gênero:

Qual a renda da casa?

Profissão do pai e nível de escolaridade: Profissão da mãe e nível de escolaridade:

Quantos de sua casa frequentam a universidade?

Estado civil? Se casado, nível de escolaridade do/da cônjuge e ocupação profissional:

Qual seu período na universidade?

Há quantos anos concluiu o ensino médio?

Você gostava da disciplina? Quanto tempo você teve acesso a disciplina?

Em seu entendimento, qual o objetivo da disciplina Empreendedorismo ou Projeto de empreendedorismo?

Quais são as vantagens e desvantagens das disciplinas de Empreendedorismo ou Projeto de (vida) empreendedorismo? Por quê?

Quantos colegas de sua turma do ensino médio ingressaram na Universidade? Por que você acha que eles não ingressaram na Universidade? Qual disciplina incentivou esse ingresso? Você acha a disciplina de Empreendedorismo importante para o ingresso no nível superior de ensino?

Seus colegas que não ingressaram na Universidade, tiveram sucesso ou não como empreendedores? Na sua opinião por que tiveram?

Ao pensar em seus colegas que não ingressaram em Universidades, por que alguns deles não obtiveram sucesso através do Empreendedorismo?

Você acredita que o Empreendedorismo instigue a aprendizagem do aluno, seja de forma a atraí-lo e não o fazer perder o foco para educação de nível superior?

Você enxerga alguma mudança na educação após a Reforma do Ensino Médio e introdução do Empreendedorismo? Quais? Elas são positivas ou negativas, por quê?

O que você mudaria para melhorar uma aula de Empreendedorismo?

Você sentiu falta de algumas temáticas nas disciplinas do Ensino Médio? Quais? Por quê?

As disciplinas no Ensino Médio formam os estudantes para serem cidadãos? Sim, não, por quê sim ou não e de que forma?

As disciplinas do Ensino Médio ajudam a formar o estudante preocupado com o nosso país, do a sociedade, do o povo brasileiro, nordestino, pernambucano? Sim, não, por quê sim ou não e de que forma?

Se você fosse escolher, quais disciplinas são importantes no Ensino Médio e Por quê?

Tem alguma coisa que você deseje falar que eu não tenha perguntado ou que você tenha falado e deseje falar mais?